

**Dança: Cubano**  
é a estrela do  
novo 'Coppélia'  
do Municipal • 2

# SEGUNDO CADERNO

**Moda: Um verão**  
artesanal e de  
tecidos de alta  
tecnologia • 8

QUARTA-FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 1999

## Volta ao clássico

Festejando 60 anos no Canecão, Francis Hime prepara ópera e sinfonia



Ana Branco

FRANCIS HIME (com o seu retrato aos 6 anos, pintado pela mãe, ao fundo) comemora os 60 anos que vai completar na próxima terça-feira com um show no Canecão

Mario Adnet

Especial para o GLOBO

**F**rancis Hime festeja os 60 anos em grande estilo com show-festa no Canecão, na próxima terça-feira, dividindo o palco com convidados ilustres como Ivan Lins, Joyce, Turibio Santos, Ed Motta, Beth Carvalho, Miúcha, Zé Renato, MPB4, Quarteto em Cy, Wanda Sá, Olívia Hime entre outros. Em plena forma física e musical, o compositor e arranjador, parceiro de mestres como Vinicius de Moraes ("Sem mais adeus") e Chico Buarque ("Vai passar", "Pivete") e "Atrás da porta") fala de sua trajetória, de grandes encontros e dos novos projetos, que mostram um compositor popular retornando à sua formação clássica: uma Ópera do Futebol e uma sinfonia para o Rio de Janeiro

• **PRECISÃO SUÍÇA:** Comecei a estudar piano clássico aos seis anos. Morria de medo do banguinho giratório que tinha na casa da professora, D. Carmen Manhães. Não gostava de estudar piano, fui obrigado pela minha mãe que era pintora, achava que eu devia e não dava muitas explicações. Durante um grande período, fiquei fazendo aquelas escalas mecanicamente e, ao mesmo tempo, cantarolando músicas de carnaval. Era uma forma de passar o tempo e, apesar de não gostar, estudei até os 15, tinha muito jeito e era excelente aluno. Fiz o Conservatório Brasileiro

mas saí no sétimo ano, um antes de completar o curso. Meu pai, separado de minha mãe, disse que eu estava muito vagabundo e me ofereceu três opções: ir para um internato de jesuítas em Caraça (MG), para a Marinha ou um colégio interno na Europa. A escolha foi óbvia e algum tempo depois estava eu no internato mais severo da Suíça alemã, em Saint Gallen. Não durou muito, minha mãe me transferiu para um externato em Lausanne, na Suíça francesa, onde fiz o curso pré-universitário. Durante os quatro anos em que estive lá, e não estudei piano, comecei a gostar de música erudita. Por influência de um colega que tocava sax, me interessei por música orquestral e virei um assíduo freqüentador de concertos. Cheguei a assistir grandes orquestras do mundo e até algumas vezes Stravinsky regendo. Gostava dos clássicos Beethoven, Brahms, Tchaicovsky, Rachmaninoff e também já ouvia os modernos Debussy, Ravel, Stravinsky. Havia uma grande variedade de programação, inclusive o Ernest Ansermet, regente preferido de Ravel, da Orquestra de la Suisse Romande.

• **VINICIUS:** Desde garoto gostava muito de samba e de tirar músicas de ouvido. Ouvia também muito Caymmi, Pixinguinha, músicas de carnaval, chorinhos como o "Brasileirinho" do Waldir Azevedo. Ainda estava na Suíça, quando ouvi pela primeira vez "A felicidade", de Tom e Vinicius, numa gravação do Agostinho dos Santos. Fiquei muito impressionado mas não entendi aquilo direito. Ao voltar para o Brasil, ainda tocava samba

da maneira antiga e queria tocar com uma batida mais moderna, próxima da bossa nova. Aos poucos fui pegando o jeito, foi ficando mais natural. Logo depois, conheci Vinicius que, na verdade, havia encontrado uma vez numa festa lá em casa, quando toquei a noite inteira a valsa "Eurídice". Ele ficou todo entusiasmado com a minha garra. Mais tarde, em 63, eu o reencontrei. Foi quando fizemos a nossa primeira parceria, "Sem Mais Adeus", também a minha primeira música. Lembro que enquanto estava compondo ele me deu vários toques importantes sobre a forma da canção. Um dia, depois desse verão, Vinicius chegou na varanda do Antonio's com a letra escrita num guardanapo de papel e eu quase não acreditei.

• **PRIMEIRO ARRANJO:** Logo depois que fiz a direção musical do show "Pois é", com Vinicius e Bethânia no Teatro de Arena, o Gilberto Gil, que estava com uma música, "Minha senhora", concorrendo no festival e que seria interpretada pela Gal, me chamou para fazer o arranjo. Disse que não sabia fazer, que nunca tinha feito mas Gil insistiu, meio que obrigando, dizendo que o meu trabalho de direção musical tinha sido ótimo e que eu era capaz de fazer. Escrevi para cordas e duas trompas e acabou soando belamente. A primeira vez que regi uma orquestra maior lidando com muitos músicos foi num disco do Taiguara logo depois que cheguei dos Estados Unidos. Escrevi uns seis arranjos, estava pondo em prática o que aprendi e deu muito certo, fiquei muito surpreso com o resultado. *Continua na página 3*

## Papel do ator é discutido em seminário

Palestras do evento reúnem teóricos e artistas no Leblon

**F**ilosofia, psicanálise, cinema, literatura e até teatro se encontrarão de hoje a 15 de dezembro num seminário que terá como protagonista o papel do ator. Para discutir este papel, referências tão diferentes quanto Nietzsche e Machado de Assis ou Shakespeare e Mário de Andrade serão temas de palestras que ocuparão o Teatro do Leblon às quartas-feiras, às 19h, no evento "A cena cultural", que começa hoje com uma palestra do filósofo Roberto Machado, depoimentos do diretor Moacyr Góes e dos atores Eliane Gardini e Jonas Bloch, além de mensagens enviadas por Fernanda Montenegro e Paulo José.

— Atores, assim como autores e diretores, estão inseridos numa cena mais ampla do que a especificamente teatral, que é a cena cultural, e o que estamos propondo é vários olhares sobre esta cena — explica Viviane de Lamare, coordenadora do projeto ao lado de Nelisa Guimarães.

### Na parte prática, trabalho sobre "Romeu e Julieta"

O seminário terá algumas palestras claramente teóricas, mas contará sempre com a participação de artistas, fugindo do padrão habitual das conferências. Dois trabalhos práticos, um voltado para "Romeu e Julieta", outro para a sistematização teatral do que for discutido no seminário, correrão paralelos ao evento. Cada palestra custa R\$ 8. ■

## Latinidade em formato acústico

Shakira mostra novo trabalho e vai tentar o mercado americano

SÃO PAULO

**L**atinidade, pop rock, dança do ventre, violino e um grupo mexicano de mariachis. A alquimia *caliente* foi levada ao palco pela cantora e compositora colombiana Shakira, que apresentou-se acompanhada de 20 músicos antemontem à noite na casa de espetáculos Tom Brasil, em São Paulo. O *showcase* em formato acústico contou com um repertório de apenas seis músicas executadas com novos arranjos, entre elas "Si te vas" e "Tu". Realizada para divulgar no Brasil o último álbum da cantora, "Donde están los ladrones?", a apresentação serviu de prévia para a exibição do MTV acústico gravado por Shakira em Nova York no último dia 12, e que será exibido pela MTV brasileira em outubro.

— Por enquanto não há previsão de lançar esse acústico em disco — disse Shakira.

Mais uma aposta do mercado fonográfico na onda do sucesso latino nos Estados Unidos, no momento Shakira prepara-se para lançar, no segundo semestre do ano que vem, seu primeiro disco em inglês:

— As versões das músicas do espanhol para o inglês estão sendo feitas por Gloria Estefan. É importante mostrar que a música produzida na América Latina não é só salsa ou samba — afirmou a cantora. (Claudia Thevenet) ■